

PALCO

JUIZ DE FORA, OUTUBRO, 2013. ANO VI. Nº 36

ANTANAS SUTKUS UM OLHAR LIVRE

Difícil apontar as razões pelas quais uma obra de arte atinge aquele grau ontológico pelo qual concentra, ao mesmo tempo, perfeição técnica e relevância de conteúdo, a ponto de se tornar referência para a identidade de uma nação e fonte de expressão para vidas humanas em outras partes do globo e em diferentes circunstâncias históricas. As fotografias de Antanas Sutkus são um exemplar desse tipo de obra de grande fôlego. O trabalho deste artista lituano pode ser visto na mostra *Um olhar livre*, na galeria Convergência do Museu de Arte Murilo Mendes, até 3 de novembro. A exposição reúne cerca de cem fotografias que, tiradas de modo analógico e em preto e branco, representam a vida e o espírito daquele país do leste europeu.

Na opinião da fotógrafa Nina Mello, o efeito psicológico obtido pelo trabalho é uma das grandes marcas

o coletivismo das massas". Embora se quisesse apolítico, no sentido de que a maioria de seus trabalhos visavam a falar do povo lituano e não quisesse tratar das questões políticas propriamente ditas, o artista acabou perseguido pelo regime. Em 1970, sua foto *O pioneiro*, publicada na revista *Sovetskoje Foto*, foi denunciada no Comitê Central de Moscou sob a acusação de ser perigosa para a sociedade. Depois do episódio, o fotógrafo decidiu manter seu trabalho em negativo e só voltou a revelá-los em 1990, após a dissolução do bloco socialista.

A perseguição comunista exemplifica duas coisas: a natureza dos regimes totalitários e a importância dos artistas na manutenção da sanidade mental de um povo e das consciências individuais. Entre as quatro doenças da linguagem elencadas em seu livro *A origem da linguagem*



Fotos: Antanas Sutkus



NESTA EDIÇÃO

AR DE ARESTAS
A POÉTICA DA DOR

ENTREVISTA
ADÉLIA PRADO, POESIA
INFINITA

MURILO NA ITÁLIA
RECONHECIMENTO DO
POETA

DAIBERT
ATUALIDADE DO
ARTISTA

da mostra, que chega a Juiz de Fora após exibição no Rio de Janeiro e em São Paulo. "Quando se vê essas fotos, é impossível não se lembrar de situações análogas às nossas, há uma apelo à reminiscência. Outro aspecto importante é o elemento de sinceridade, não há aquela pose forçada. Tudo é muito direto. Talvez o termo mais adequado para classificá-las seja espontaneidade. Embora elas [as fotos] possuam uma forte carga dramática e uma certa singeleza, também são acompanhadas de uma espécie de bom humor e leveza. É impossível vê-las e não se sentir tocado", afirma.

Para compreender melhor a importância do trabalho de Sutkus, é necessário mergulhar no contexto histórico no qual sua obra foi forjada. Nascido na Lituânia em 1939, sob o regime ditatorial de Stálin, Antanas Sutkus começa a fotografar muito novo, ainda nos anos 1950. Desde o início, seu trabalho foge do padrão estético usual nos países da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Enquanto o governo comunista promovia o chamado realismo soviético, concepção estética construída com a finalidade de propagandear os valores e políticas do Estado e pautada por ideais "progressistas e proletários" e espírito "coletivista", o trabalho de Antanas Sutkus aparece retratando aspectos da vida humana que simplesmente eram suprimidos ou ignorados pelo regime.

VIDA COTIDIANA

Como afirma o curador da mostra, Luiz Gustavo Carvalho, "seu principal interesse eram as pessoas simples, a sua vida cotidiana, e a expressão particular de cada um destes indivíduos. Tudo isto contradizia a censura socialista e as linhas estéticas que eram ditadas pelos poderes:

(Record, 2002), o filósofo Eugen Rosenstock-Huessy afirma que duas delas, a revolução e a ditadura, são caracterizadas, respectivamente, pela gritaria e pela hipocrisia. Do ponto de vista da linguagem – sintetizando o conceito –, isso significa que os regimes totalitários podem ser entendidos como um determinado discurso promovido a despeito da realidade concreta da população. E o resultado disso – daí o efeito complementar – é a gritaria revolucionária que busca estabelecer um novo estado de coisas, na qual a expressão do imaginário propagado pela ordem social proclame a realidade da população.

A censura a Sutkus pode ser entendida justamente nesta chave. Pelo simples fato de documentar perspectivas outras que não aquelas incluídas no horizonte progressista da ditadura comunista, o fotógrafo "representava uma ameaça" ao discurso oficial. Neste ponto, reside a importância do artista: expressar, ainda que apenas no nível estético, aquela experiência humana que não encontra inteligibilidade no grosso da população.

Apesar da repressão da cortina de ferro, os trabalhos de Sutkus que já haviam sido revelados alcançaram o outro lado da Europa e receberam o reconhecimento da crítica. Em 1976, Antanas foi condecorado com um prêmio da Associação Internacional de Fotografia Artística. Além disso, até hoje, seu trabalho é tema de exposição em importantes museus do mundo, como o Victoria e Albert Museum, de Londres, o Museu de Fotografia, de Helsinki, e o Art Institute of Chicago. Por essa razão, o curador Luiz Gustavo Carvalho define o trabalho de Sutkus nos seguintes termos: "Escapando da censura política, ele descreveu a vida cotidiana numa maneira justa, meiga, de vez em quando irônica, sempre forte, fugindo de qualquer sistema ou influência. A obra de Sutkus é uma obra da pessoa de um olhar livre".

Thauan Monteiro



Foto: Ozias Filho

AR DE ARESTAS **DOR PARADOXAL**

O biênio 2012/2013 foi o Ano Brasil Portugal, e em ambos os países as atividades desenvolvidas entre setembro de 2012 e junho de 2013 representaram um marco que exaltou as relações bilaterais no âmbito cultural, acadêmico e econômico. No contexto dessa celebração luso-brasileira, dois amigos de longa data, brasileiros, mas separados por um oceano – o escritor Iacyr Anderson de Freitas e o fotógrafo, escritor e editor Ozias Filho, residente em Portugal há mais de 20 anos –, lançaram no mês passado, em Juiz de Fora, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) o livro *Ar de Arestas*, uma longa meditação sobre a dor, na definição do escritor Paulo Henriques Brito.

Em seu livro, Iacyr vai além do Bojador, tal qual Fernando Pessoa. Se, nos versos do poeta português, faz-se referência aos desafios das grandes navegações como exemplo de superação, em *Ar de arestas*, ressaltam-se a coragem e o desafio do autor de cruzar mares agitados ao escrever sobre um tema tão delicado como a dor. “Foi um desafio tentar reconduzir através das palavras o que é a dor”, comenta Iacyr, ao destacar que o grande risco era cair no banal.

O poema chega aos leitores, simbolicamente, na forma de um pergaminho enrolado dentro de uma garrafa que segue à deriva em alto mar. E representa um trabalho que flutuou pelas inquietações de Iacyr e pela criatividade de Ozias, autor das fotos que ilustram o poema.

A mensagem “submersa” no livro traz à tona a dor na sua forma mais real, crua. Essa análise é inevitável, pois, com o olhar de um poeta brasileiro deste início de século, Iacyr contempla a onda de violência em todas as instâncias do indivíduo histórico e social, traduzindo, assim, a dor em suas várias facetas. “Por mais que se tente ficcionalizar a dor, parto de experiências pessoais”, salienta o poeta, que gostaria que seu leitor se identificasse com o livro, “como se também a tivesse vivido [a dor]”.

Ar de Arestas nasce de uma relação imagética fundamental para a estrutura do poema. A inserção de imagens no livro é uma tentativa de abrir as janelas do imaginário em um trabalho fotográfico capitaneado por Ozias – criador da concepção visual originada do questionamento “o que vejo quando leio”, tema também de uma oficina ministrada pelo fotógrafo. As imagens são uma tradução da linguagem corporal feita pelo *Laboratório de Movimento e Performance l’Mmoving*, coordenado pela coreógrafa Marina Frangioia, em um trabalho de interpretação das sensações transmitidas pela obra. Treze fotografias que compõem o livro estão em exposição no MAMM até o dia 19 de outubro.

REVELAÇÃO

Um dia, os homens ousaram desbravar terras desconhecidas através das grandes navegações. Na corrente da história, Iacyr tornou-se conhecido internacionalmente, ao publicar sua obra em livros e periódicos da Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Malta, Suíça, Peru e Portugal, onde Ozias reside há mais de duas décadas e organiza os livros de Iacyr lançados no país lusitano.

A dor, paradoxal, reveste-se de prazer sob a ótica do poema de Iacyr. Ela não é somente o fruto ideal ou a inspiração temática, mas, sim, a revelação sublime, que, atrelada às imagens de Ozias e ao cuidado estético do autor, converte-se em uma experiência significativa para o leitor. Um texto recheado de simbologias que proporciona ao público uma leitura subjetiva e provocativa. “Aparadas as arestas”, diz Iacyr, ao evidenciar as dificuldades de escrever sobre a dor, ele considera sua obra uma entrega íntima, um diálogo entre as várias linguagens, pois acredita que “a palavra é o elemento maior do homem”. *Ar de Arestas* simboliza esse elemento.

Jefferson Oliveira

MURILO NA ITÁLIA **ALMA BRASILEIRA**



Lançando no MAMM em setembro, o livro *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma*, da professora de literatura comparada do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp Maria Bethânia Amoroso, busca entender como foi a recepção do público italiano ao trabalho de Murilo Mendes.

Para chegar aos resultados da pesquisa, que durou dez anos e envolveu muitas viagens a Juiz de Fora e à Itália, Maria Bethânia analisou críticas jornalísticas e acadêmicas italianas a respeito da chegada do poeta àquele país – onde viveu de 1957 a 1975 – sobre o lançamento de seus livros e o

recebimento do Prêmio Internacional Etna-Taormina [espécie de prêmio Nobel da poesia] como *poeta estrangeiro*.

Além disso, a pesquisadora também realizou entrevistas com as poucas pessoas ainda vivas que conheceram Mendes. “Num primeiro momento, a crítica tem em mente que se trata de um não italiano, mas,

com o tempo, Murilo Mendes já aparece identificado com o ambiente europeu. Era recorrente meus entrevistados se referirem a ele como uma pessoa afável, inteligente e ‘muito européia’.”

Apesar da identificação, a autora ressalta como o laço com a terra natal sempre permaneceu forte e lembra o comentário de outro poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, acerca da vida do poeta mineiro na Itália: “Murilo levou na bagagem para a Itália (onde ensina Brasil, vende Brasil, mercadoria intelectual) sua alma brasileira”.

O volume também explora as outras facetas do poeta, como os textos em prosa, menos conhecidos, e os demais trabalhos e funções de professor, jornalista cultural, ensaísta e crítico de arte que integram parte significativa de sua vida intelectual.

CONTROVÉRSIA

O crescente reconhecimento de seu trabalho como escritor, tendo muito mais destaque a poesia que a prosa, garante a Murilo Mendes uma imagem de mito, que ignora todos os percalços, vistos principalmente em sua correspondência, de um poeta que é exilado (ou autoexilado): a dificuldade de publicar, o desejo de voltar ao Brasil e o pouco dinheiro. Paralelamente à divulgação maior na Europa, há também um gradativo desaparecimento de seu nome no Brasil, em parte, devido ao nível intelectual de sua obra e à distância geográfica.

Independente de fatores aparentemente negativos, o poeta juiz-forano é considerado por muitos críticos, como Ruggero Jaccobi, um personagem importante não só para a relação cultural Brasil-Itália, como para toda a literatura ocidental. A autora fecha: “Sua poesia é lida nesta chave, a dos grandes poetas”.

Hugo Queiroz



ENTREVISTA ADÉLIA PRADO

Uma das vozes mais admiradas entre os escritores brasileiros em atividade, Adélia Prado diz ser a poesia um “fenômeno eterno”, e o artista, a manifestação moderna dos antigos oráculos pelos quais passa o Verbo de Deus. Com novo livro – *Miserere* – a ser lançado no fim do ano, a escritora, em entrevista concedida ao *Palco* em fins de agosto, no Cine-Theatro Central, quando esteve em Juiz de Fora, comenta a produção contemporânea, seus anos de formação, a vocação artística e a força da poesia.



Atualmente, as pessoas parecem não ter uma ligação com a poesia contemporânea. A que atribui isto? Tem acompanhado a produção poética contemporânea?

Talvez uma coisa que pareça boa – mas nem sempre é, porque a qualidade às vezes cai – é o excesso de autores e publicações. Ficou fácil fazer um livro. Às vezes, fica às expensas do autor e nem sempre tem um aparato crítico anterior à publicação. Então, publica-se tudo de todo jeito. Eu, pessoalmente, não tenho um olhar sobre a situação da literatura contemporânea. Eu leio muito, mas sem nenhuma preocupação. A maioria, no entanto, ainda é mediana, está verde; não achou uma dicção própria, escreve com sons de autores já conhecidos.

Segundo T.S. Eliot, “um verso nunca é livre o suficiente para quem quer fazer um bom trabalho”. Como a senhora encontra a forma adequada para representar suas experiências nos versos livres? Já teorizou sobre isso?

Não, o que aconteceu foi que, na minha formação, quase no final da década de 40, eu estava acabando o curso primário, e os poetas que a gente chama de escolares, não porque são menores, mas porque a gente lia na escola – Castro Alves, Olavo Bilac, etc. –, encantavam a gente. Então, eu disse: “que trem bonito falar as coisas desse jeito, então eu também quero!”. Mas, quando descobri o Drummond, que é o verso branco, o verso livre, falei: “nossa, é isso que eu quero, eu achei o caminho”. Eu descobri que não precisava rimar, descobri que aquilo era poesia, não porque rimava ou deixava de rimar, mas porque tinha ritmo, que era diferente do da prosa. Aí eu desci o rio abaixo. Penso que achei o caminho e, até onde suponho, achei uma dicção minha dentro desse modelo de verso. E, às vezes, pode até rimar. A criação artística, seja ela qual for, é de uma liberdade suprema. Liberdade maior que a dela, só a da fé. Ela (a criação artística) só tem uma lei, a lei de si mesma, que não se pode burlar. Quando você começa a inventar, você faz bobagem. A lei dela é própria, interna e já vem com ela.

Parece que muito dessa descoberta da lei interna da criação artística passa pelo reconhecimento da tradição da arte. Os jovens poetas ficam ansiosos em colocar as coisas no papel e não têm contato com essa tradição.

A juventude tem esse defeito, é ansiosa. Eu publiquei a primeira vez com 40 anos. E foi um benefício para mim. Eu nunca tive o sofrimento de

falar que “desse livro eu não gosto”, porque eu já tinha achado uma linguagem depois de imitar Augusto dos Anjos, Guimarães Rosa... E eu acho que imitar é como uma criança aprendendo a falar: eu também tenho coisas para falar, mas quando, por exemplo, parece Guimarães Rosa, mas não é, fica sempre pior do que o imitado. Até que, um dia, eu encontro uma fala que eu digo: “isso está parecido comigo e é melhor que eu”.

Quais são os seus autores do coração?

Eu tenho uma estante deles. Os poetas, esses que eu acho fundantes da língua, as vitaminas da língua portuguesa: Drummond, Olavo Bilac, Castro Alves, esses que o homem da roça sabe de cor. Meu pai, que era praticamente da roça, sabia-os de cor. Você vê que eles mexeram com as pessoas. Tinha qualidade para que aquilo ficasse, sendo a forma um soneto ou qualquer outra. Não é a forma que é importante. Se tem poesia ali, não há discussão. Então há esses poetas todos que eu leio com prazer e os autores de prosa, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, que eu acho que não foram ultrapassados ainda. Não sou uma pessoa saudosista, mas, porque eu não sei muito do que está se passando, devo estar cometendo pecados mortais por não citar algumas pessoas. Deve ter pérola por aí. Outro dia descobri uma poeta tão boa, mas tão boa e tão anônima! E mandei perguntar quem é, onde mora, mas ninguém sabia. Então essas coisas aparecem. Os novos poetas estão chegando. A poesia é eterna. Um morre, vem outro.

Há uma frase de La Bruyère que afirma: “tudo já foi dito e nós nascemos tarde demais”. Mas a senhora disse também, e não se pode discordar disso, que a poesia tem um combustível interminável. Sempre será possível escrever poesia?

O combustível da poesia é infinito, porque é uma produção humana. É uma descoberta, assim como a eletricidade, que não foi uma invenção, e, sim, uma descoberta. A poesia também. É um fenômeno da arte, da mística. Então, são coisas que ultrapassam a nossa finitude. Não precisa ter susto. Morre um poeta, morre um pintor, mas estão nascendo um monte de outros por aí. Logo, a eternidade do fenômeno permanece. Como é uma coisa infinita, é dada a todos nós essa oportunidade generosa de criação. Não precisa ter medo. “Se eu fizer psicanálise, minha inspiração acaba”. Se acabar, você não é poeta!

A senhora fala da descoberta dessa força interna, que não é da pessoa, mas é ao mesmo tempo.

Ela passa pela pessoa, mas ela não é da pessoa.

Em uma entrevista, a senhora diz que essa força é o próprio Espírito Santo.

Mas é o Espírito Santo! Todo mundo ri, mas é. Cá para nós, não católicos também acreditam nisso. Só que nós nomeamos que força é essa. Eles chamam de espírito criativo o que eu chamo de Espírito Santo. Se não fosse, eu nunca cairia numa espécie de esterilidade com a sensação de nunca mais ser capaz de fazer um verso. Você tem essa experiência dolorosa. Se você é o gerador desta capacidade, por que você a perde de vez em quando?

Podemos considerar o poeta como uma espécie de sacerdote secular em contato com o divino?

Contato com o divino, nós todos temos. O caso do poeta é mais no sentido de ser um oráculo. A poesia fala por sua boca, mas não é você que está criando aquilo, não se iluda. Ao mesmo tempo em que é maravilhoso, acaba com a sua vaidade. Acaba com seu ego. Ou você aceita isso, ou você fica aquele pavão misterioso.

O poeta Murilo Mendes dizia que a “poesia sopra para onde quer”. O Espírito Santo tem soprado para a senhora ultimamente?

Eu tenho algo que foi soprado mais recentemente. É um livro que vai sair agora no fim do ano e se chama *Miserere*. Estou feliz com esse livro, lutando com as epígrafes que eu quero, arrumando tudo.

José Renato N. Lima

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

CINE-THEATRO CENTRAL

Praça João Pessoa, s/n
(32) 3215-1400
www.theatrocentral.ufjf.br

11, 20h Adorarte (música gospel)
12, 20h O filho da mãe
18, 21h Os Homens são de Marte
e é pra lá que eu vou, Mônica Martelli

19, 21h Me engana que eu gosto,
Loló Neves e Renata Durynek

26, 21h Meus homens de A a Z,
Teatro de Quintal

27, 18h Chá de sumiço

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070
www.ufjf.br/mamm

Terça a sexta: 9h às 18h

Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

03, 20h Abertura Antanas Sutkus
– Um olhar livre
Galeria Convergência
De 04 de outubro a 26 de novembro

17, 20h Abertura Poesia da linha
e do corte, Lasar Segall
Galeria Retratos-Relâmpagos
De 17 de outubro a 26 de novembro

II ENCONTRO DE EDUCADORES DE MUSEUS BRASILEIROS

29, 19h MASP – Paulo Portella

31, 19h Lançamento do livro O
olhar poético sobre Juiz de Fora,
Leila Barbosa e Marisa Timponi

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

07, 19h Abertura Beleza no caos,
de Juhn Souza
Até o dia 30 de outubro
Galeria Renato de Almeida do
Centro Cultural Pró-Música/UFJF

TERÇAS MUSICAIS

08, 20h Caetano Brasil
Teatro Pró-Música/UFJF

FORUM DA CULTURA

R. Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850

EXPOSIÇÕES

01.10 a 03.11 Brinquedos
Museu de Cultura Popular
01.10 a 03.11 Mundo infantil,
Galeria de Arte

TEATRO

A partir de 16/10 – de quarta a
domingo, às 20h30 O doente
imaginário, de Molière (adaptação
de José Luiz Ribeiro)
Grupo Divulgação

MAPRO

Rua Mariano Procópio, 1.100,
Mariano Procópio
(32) 3690-220

MÚSICA NO PARQUE

27, 16h Luís Leite e Luiz Otávio



Arlindo Daibert. Xilogravura da série Grande Sertão: Veredas

DAIBERT ARTISTA MÚLTIPLO

“O desenho é uma atividade pensada, muito pensada. À medida que se vai combinando cada ponto, cada traço, cada espaço, a mente acompanha o processo propondo mil soluções diversas e nem sempre a gente termina um trabalho com o mesmo pensamento de quando começou. Acho que nisso tudo, o que interessa é estar sempre questionando” (Arlindo Daibert, em entrevista ao crítico Walmir Ayala em 1974). Além de pensador sobre a arte, Daibert foi um artista capaz de traduzir palavras e empenhar suas introspecções em imagens. Embora seu desaparecimento súbito, há 20 anos, vítima de um aneurisma, tenha interrompido vida e trajetória de um artista talentoso, sua obra permanece como testemunho de ousadia, criatividade e inventividade.

O conjunto de obras deixadas por Daibert mostra-se cada vez mais atual. Para o Pró-reitor de Cultura da UFJF e artista plástico Gerson Guedes, a obra se Daibert traduz, no verbal e no não verbal, o espírito do que verdadeiramente constitui um artista. Para ele, Arlindo Daibert pode ser considerado um “pesquisador do impossível”. “Ele foi um homem à frente de seu tempo. E, se vivo fosse, permaneceria à frente. Pois uma mente como esta jamais se prenderia aos limites do tempo.”

Com uma produção bastante extensa, realizou grande número de exposições individuais e participou de muitas coletivas. Apesar da existência de instituições que abrigam trabalhos do artista em seus acervos – como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM - Rio), que detém dezenas de peças de Daibert, integrantes da coleção Gilberto Chateaubriand, e o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora, que possui obras do artista doadas de seu acervo particular e aquisições próprias –, ainda hoje o acesso à visualização de suas obras é precário.

No entanto, duas circunstâncias têm permitido a Arlindo Daibert outro tipo de circulação. As publicações de alguns livros deram a parte de seu trabalho uma presença mais constante que a de exposições eventuais. Para o poeta e escritor Júlio Castañon, outro “sinal da presença da obra do artista pode ser encontrado no número considerável de trabalhos universitários (artigos, dissertações e teses) sobre essa obra. Estes trabalhos mostram que ele continua a despertar o interesse e que, além disso, ela constitui um objeto de estudo que possibilita ainda muitas abordagens”.

DAIBERT E AS LETRAS

A obra visual de Arlindo Daibert abordava de maneira ímpar o desenho, a pintura e a gravura e deve, por assim dizer, um tributo à literatura como princípio para o desenvolvimento de sua linguagem própria. O artista, formado em Letras pela UFJF, conseguiu transpor para o papel a sua cultura literária, linguística e filosófica. Sua relação com a literatura também pode ser percebida na medida em que ele passa a incorporar fragmentos de textos às suas produções, estabelecendo status de relativização entre os domínios do conhecimento e do prazer. A escritora Elza de Sá Nogueira, autora de *Daibert, tradutor de Rosa*, acredita que “os gêneros literários se aplicam bem à sua obra, porque, inclusive, esta era a sua intenção”. Para o professor do Instituto de Artes e Design (IAD) Afonso Rodrigues, o discurso artístico de Daibert teve fundamento in-

terdisciplinar, em que imagem e texto constituíam partes de uma mesma manifestação. “Lançar mão de textos literários era um recurso de amplitude da ideia das artes visuais, não separada da literatura.”

Resultado dessa extensão do potencial de Daibert, temos o registro de três séries, também consideradas “ensaios plásticos”, resultantes de sua interpretação de obras literárias de Lewis Carroll (*Alice no País das Maravilhas*), de Mário de Andrade (*Macunaima*) e de Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*). Para Afonso Rodrigues, Daibert, “através de seu desenho, criou um aspecto crítico que amplia – e muito, a análise da produção artística”. Júlio Castañon observa que, nessas séries, “é possível ver que ele procurou compreender as obras literárias e transpô-las para a dimensão visual, estabelecendo com elas um diálogo crítico”.

Arlindo Daibert sempre expressou admiração por seu conterrâneo escritor e poeta Murilo Mendes, mesmo sem tê-lo conhecido pessoalmente. Ao se integrar à UFJF como professor em 1984, começou uma pesquisa a fim de ampliar e sistematizar seu conhecimento acerca de Murilo Mendes. Assim começam as relações do artista ligado à literatura com o poeta ligado às artes plásticas. O estudo de Daibert trouxe uma correlação entre as leituras que Murilo abrigava em sua biblioteca pessoal (doada à Universidade por sua esposa, após a morte do poeta).

Foi motivado por Daibert que se criou, em 1994, o Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM), onde eram disponibilizados para consulta todos os livros da coleção do escritor, com seus grifos e comentários acerca das obras. Daibert estabelece uma relação pessoal com a viúva de Murilo, Maria da Saudade, através de cartas, a fim de trazer para o Brasil toda a obra pictórica do poeta. Ele se tornou mediador dessa transferência, ressaltando a importância de disponibilizar tais obras para estudo. No entanto, morreu antes de ver essas negociações finalizadas. No fim de 1993, a viúva fez a doação à UFJF e, em 2005, foi inaugurado o MAMM, ampliação do centro de estudos. Tanto o centro de estudos quanto o museu, a partir de 1996 até 2012, incorporaram a seus acervos, por meio de doações e aquisições, diversas obras de Daibert, entre desenhos, colagens, gravuras e técnicas mistas.

HOMENAGENS

Em agosto, no MAMM, realizou-se uma exposição sobre Arlindo Daibert, além de um debate com intelectuais sobre a importância da sua obra. No Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna expõe, a partir de 17 de outubro, obras de Daibert em mostra que faz parte de uma série intitulada *Mergulho na coleção*. Ela busca trazer ao público um conjunto de trabalhos importantes que foram pouco vistos. O curador do MAM-Rio, Luiz Camillo Osório, diz que esta é também uma pequena homenagem a Arlindo Daibert, que integra a Coleção Gilberto Chateaubriand com uma enorme quantidade de peças de sua autoria (dentre elas, a série completa de *O Grande Sertão: Veredas*). “Trata-se de um importante conjunto de obras, que constroem um diálogo muito poético e forte entre imagem e texto”, avalia o curador. A exposição fica em cartaz até o dia 31 de dezembro.

Luzya Marxiellen